



NAVEGAR É POSSÍVEL: O ECOBOTE COMO RECURSO PARA TRABALHAR AS ATIVIDADES DE AVENTURA NA ESCOLA

Juliana de Paula Figueiredo¹
Giandra Anceski Bataglion²
Verônica Werle³
Alcyane Marinho⁴

PALAVRAS-CHAVE: atividades de aventura; educação física escolar; sensibilização ambiental

PREPARANDO PARA REMAR

As atividades de aventura, recentemente, vêm ganhando destaque tanto no âmbito acadêmico, quanto escolar, embora neste último de maneira mais cautelosa. Ao se tratar das universidades, até poucos anos este conteúdo não era abordado, ou quando o era, geralmente desenvolvia-se na forma de disciplina optativa ou curso de extensão. Ultimamente, acompanhando as tendências internacionais e o aumento de praticantes, bem como de modalidades, é maior o número de cursos de Educação Física que inserem em seu currículo uma disciplina específica no segmento da aventura (BERNARDES; MARINHO, 2013).

Ao se tornar maior a difusão deste conhecimento entre os futuros professores de Educação Física, maiores são as possibilidades destes levarem para as escolas os conteúdos referentes à aventura. Nesta perspectiva, os alunos terão o contato com outras modalidades, para além daquelas comumente disseminadas na escola, contribuindo para o que Camargo (2002) preconiza sobre *a educação para o lazer*, possibilitando que crianças e adolescentes experimentem outras atividades e, quando adultos, possam continuar vivenciando aquelas com as quais mais se identificaram, aumentando, assim, o repertório cultural esportivo.

Conforme preconiza Marinho (2013, p. 25), “[...] as atividades de aventura requerem um repensar sobre o ambiente a partir de três principais aspectos interdependentes: a prática; o processo educativo; e a conservação ambiental”. Neste sentido, o segmento da aventura pode e deve ser trabalhado nas aulas de educação física escolar em consonância aos temas transversais, especialmente ao se focalizar o tema meio ambiente (BRASIL, 1997), com vistas a contribuir para a construção do processo educacional referente aos valores ambientais, por meio das diversas estratégias de ensino, favorecendo a sensibilização ambiental.

Outro aspecto importante a ser trabalhado por meio das atividades de aventura condiz aos conteúdos que devem embasar o ensino, não focando apenas na parte procedimental, ou seja, o como fazer, mas possibilitando uma ampla formação do aluno, pautada em três categorias: dimensão conceitual (fatos e conhecimentos); dimensão procedimental (processo pedagógico); e dimensão atitudinal (valores e normas) (BRASIL, 1997). Por meio deste tripé, vários conhecimentos, para além da prática pela prática, podem ser construídos com os alunos, em aulas diferenciadas, divertidas e construtivas.

Nesta perspectiva, este estudo tem como objetivo apresentar a proposta de construção de embarcações alternativas, denominadas Ecobote, bem como, sua experimentação pelos futuros professores. Sendo assim, este trabalho, de caráter descritivo, retrata a experiência de uma prática de ensino-aprendizagem, tendo sido realizado na disciplina Educação Física, Ecologia e Esportes de Aventura, ofertada a alunos da 8ª fase do curso de Licenciatura em Educação Física de uma Universidade pública de Santa Catarina, no primeiro e segundo semestres de 2014.



DO PORTO ÀS AGUAS... NAVEGANDO

A proposta de construção do Ecobote, inicialmente, foi embasada pelas concepções, valores e princípios da Educação Ambiental, por diversas reflexões e pelo vislumbrar das diferentes estratégias a serem exploradas nas aulas de educação física escolar, sendo o Ecobote uma delas. Após as aulas introdutórias, os alunos foram desafiados a se organizarem em grupos e a construir embarcações utilizando apenas materiais alternativos e, de preferência, recicláveis, bem como construir os remos, os quais seriam explorados na aula seguinte na piscina da universidade. Os alunos foram orientados a pesquisarem sobre a construção de embarcações e a estudarem como seria a melhor forma de construir. Alguns critérios foram estabelecidos: a embarcação deveria comportar pelo menos um aluno por vez, teria que ser capaz de flutuar e explorar a criatividade. Sendo assim, na data estipulada, os alunos construíram a embarcação em sala de aula.

Em ambos os semestres foram utilizados os mais diferentes materiais providenciados pelos próprios alunos, tais como: garrafa *pet*, garrafa de água e de suco de 5l, garrafinhas de água de 510ml, embalagens de shampoo de *pet shop*, lona plástica, papelão, cano pvc, bambu, entre outros. Vale destacar uma das mais interessantes embarcações construídas: um barco feito inteiramente de garrafinhas de água de 510ml, para o qual foram utilizadas cerca de 90 unidades, sustentado por barbante e fita adesiva, sendo uma das embarcações mais bem sucedidas em termos de flutuação.

O fato de criar o próprio objeto ou brinquedo é algo que desperta muito interesse, que proporciona satisfação e permite explorar a criatividade, podendo depositar ali suas preferências e gostos. É uma maneira de trabalhar a autonomia para o aprender e, ao mesmo tempo, despertar o gosto pelo o que o aluno está aprendendo. A integração e a cooperação despertadas durante a construção das embarcações também foram evidenciadas, sendo um momento em que os alunos começaram a estreitar os laços de amizade, tendo em vista que alguns não eram da mesma fase do Curso. Na mesma perspectiva, a criatividade esteve presente, seja na forma de construir a embarcação ou na criação de barcos temáticos, tais como: pirata (além da personalização, os alunos se fantasiaram); homenagem à copa do mundo; menção à finalização do Curso e à formatura.

Porém não é pertinente apenas construir o objeto, é necessário explorá-lo. O momento da vivência prática consolida o processo, é a hora de testar se vai funcionar, de brincar, de divertir. Nesta ocasião foi discutido o porquê de algumas embarcações não funcionarem, bem como o êxito das outras. Em alguns casos, logo no início, os próprios alunos solucionaram o problema, como, por exemplo, um barco que ficava virando devido ao fato de flutuar muito, então os alunos encheram os galões com um pouco de água, dando a estabilidade necessária.

Durante todo o tempo a transdisciplinaridade esteve presente. Na fase da construção, elementos da Engenharia, por exemplo, foram discutidos: quais objetos seriam os melhores para garantir a flutuação adequada, como equilibrar a embarcação, como assegurar que a mesma ficará totalmente impermeável? A Educação Ambiental também foi enfatizada: quais objetos não são recicláveis, como proceder à destinação das embarcações construídas? Além de outras áreas que podem ser exploradas neste momento, como a Física (ao se referir às influências do vento no mar), a Geografia (abordando características locais); a História (por meio da história das embarcações, das competições locais e suas repercussões), dentre outras.

As três dimensões do conhecimento foram abordadas durante o processo de construção do Ecobote até sua vivência. A dimensão conceitual abordou o histórico; os locais de prática; as modalidades; os tipos de embarcações; os equipamentos envolvidos; os cuidados; e o posicionamento da remada. A dimensão procedimental contemplou a construção



da embarcação; as técnicas da remada; o processo pedagógico de como subir e posicionar na embarcação; as adaptações para as diferentes faixas etárias; as parcerias com clubes ou locais que tenham piscina, quando não for possível levar à praia ou a escola não tenha piscina. Por fim, a dimensão atitudinal teve por objetivo levar os futuros professores a pensarem em várias estratégias, as quais podem ser trabalhadas por meio desta atividade, tais como: aproximar os alunos do meio ambiente por intermédio do universo aquático, permitindo a percepção de conscientização e hábitos saudáveis empregados no esforço de atuação na atividade; aprender sobre as forças da natureza que interferem na modalidade (ventos, correntes); sobre o comportamento adequado nos locais de prática (educação ambiental); a respeitar para ser respeitado; sobre sua segurança pessoal e a de terceiros; desenvolver potencialidades físicas, psíquicas e fisiológicas do corpo como: equilíbrio, concentração, fortalecimento muscular, aumento da capacidade aeróbica e percepção corporal.

NAVEGANDO EM OUTRAS ÁGUAS...

A partir da experiência pedagógica vivenciada pelos futuros professores ao longo da disciplina originária deste trabalho, pode-se destacar o potencial fértil do Ecobote no sentido de ser explorado no ambiente escolar, representando não apenas mais um conteúdo para a educação física escolar, mas sim, uma proposta permeada pelas três dimensões do conhecimento, com potencialidade educacional e de sensibilização ambiental. Neste sentido, as atividades de aventura poderão ser disseminadas aos escolares de uma maneira simples e com baixo custo, opondo-se às justificativas comumente apresentadas para sua não inserção no ambiente escolar.

REFERÊNCIAS

BERNARDES, L. A.; MARINHO, A. Esportes de aventura: da prática à especialização. In: PEREIRA, D. W. (Org.). *Atividades de aventura: em busca do conhecimento*. Jundiaí: Fontoura, 2013. p. 19-27.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: introdução aos parâmetros curriculares nacionais / Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1997.

CAMARGO, L. O. L. *Educação para o lazer*. São Paulo: Moderna, 2002.

MARINHO, A. Introdução aos estudos das atividades de aventura: características, concepções e conceitos. In: BERNARDES, L. A. (Org.). *Atividades e esportes de aventura para profissionais de Educação Física*. São Paulo: Phorte, 2013. p. 23-38.

¹Mestre em Ciências da Motricidade. Professora Auxiliar da Universidade do Estado de Santa Catarina. UDESC/CEFID/LAPLAF/CNPq. LEL/UNESP Rio Claro. julianapfig@hotmail.com

²Mestranda em Educação Física pela Universidade Federal de Santa Catarina. UDESC/CEFID/LAPLAF/CNPq. giandraanceski@gmail.com

³Doutoranda em Educação UFSC. Professora Auxiliar UDESC. Bolsista do Fundo de Apoio à Manutenção e ao Desenvolvimento da Educação Superior (SC). vewerle@yahoo.com.br

⁴Doutora em Educação Física. Universidade do Estado de Santa Catarina UDESC/CEFID/LAPLAF/CNPq. Universidade Federal de Santa Catarina. alcyane.marinho@hotmail.com